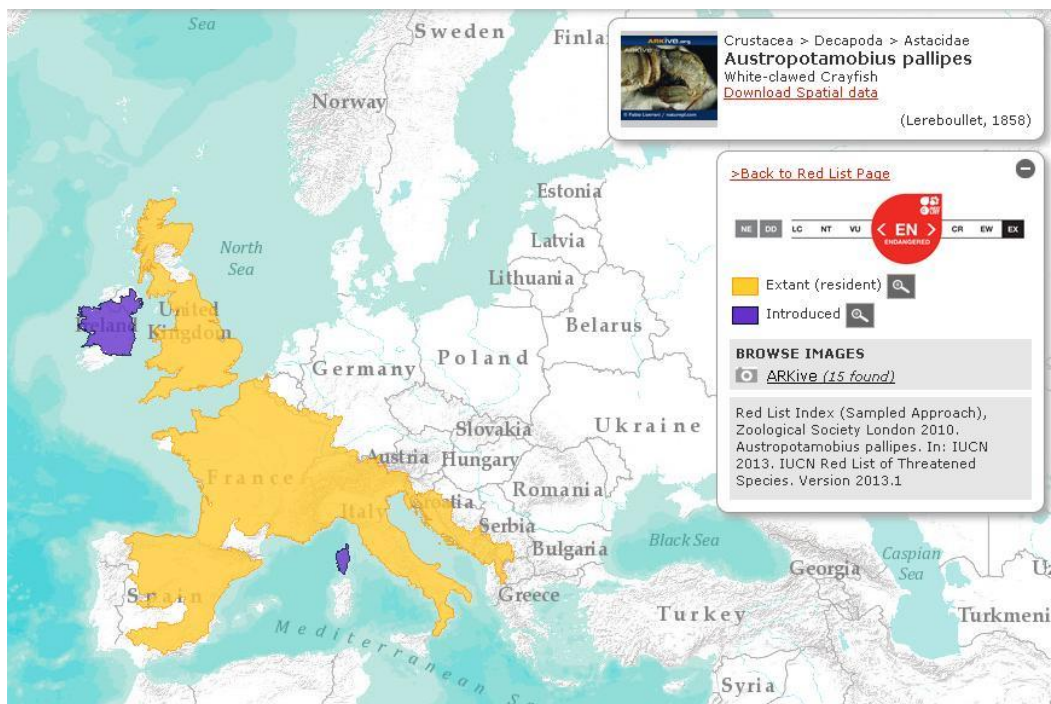


Lagostins em Mem Martins

Até há alguns anos, o único lagostim de água doce existente em Portugal era o lagostim-de-patas-brancas (*Austropotamobius pallipes*):



Desde Montenegro (Jugoslávia) até à Alemanha, Escócia e Portugal, este crustáceo, que podia atingir 12 cm de comprimento e 10 anos de vida, distribuía-se pela Europa Ocidental e Grã-Bretanha. Em 2013, no entanto, está classificado como espécie ameaçada e a sua distribuição na Europa é a seguinte¹:



¹ <http://maps.iucnredlist.org/map.html?id=2430>

Até à década de 1980, a maioria das populações de lagostim-de-patas-brancas em Portugal encontravam-se no nordeste, em Trás-os-Montes, onde a espécie era comum na bacia do Sabor, particularmente no rio Angueira, onde era tradicionalmente pescada². Atualmente, considera-se que a espécie está extinta em Portugal, embora podendo ainda existir em pequeníssimas bolsas na bacia do Douro, relativamente próximo da fronteira com Espanha.

Só no decénio de 2000-2010, suspeita-se que esta espécie europeia tenha sofrido um declínio superior a 50%. Este declínio é atribuído sobretudo à afanicose ou “peste do lagostim”, causada pelo fungo *Aphanomyces astaci*, que provoca uma mortalidade na ordem de 100% dos lagostins infetados da família dos astácidas (*Astacidae*), a que o lagostim-de-patas-brancas pertence.

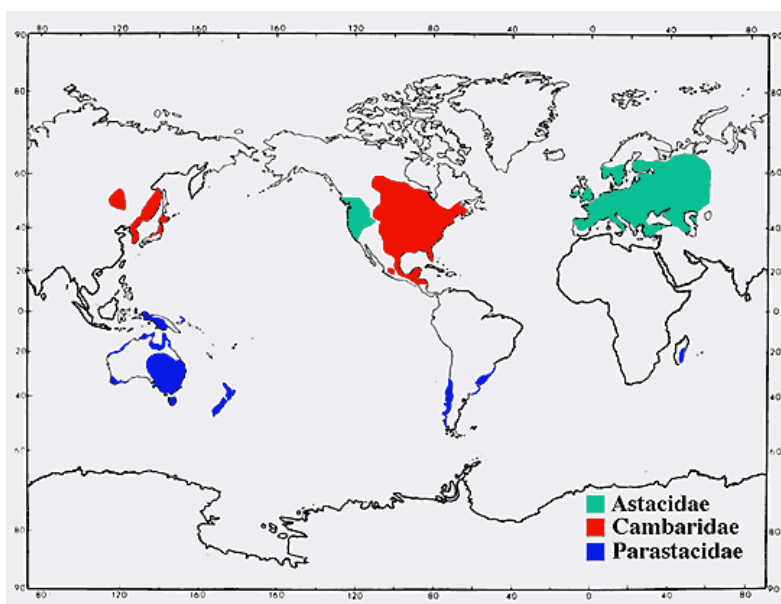


Figura 3. Distribuição geográfica das atuais três famílias de lagostins de água doce existentes (<http://tolweb.org/Astacidea/6655>).

Este fungo é endémico da América do Norte, e veio para a Europa através da introdução de espécies não autóctones como o lagostim-vermelho-da-luisiana (*Procambarus clarkii*) e o lagostim-sinal (*Pacifastacus leniusculus*), originários da América do Norte, bastante resistentes à doença e vetores desta³. O lagostim-sinal, um astácida americano, pode mesmo ser portador do fungo durante um ano, infetando entretanto o habitat envolvente⁴⁵.

² *O lagostim-de-patas-brancas do rio Angueira: a mim lembrasse-me que...*, Fernando Pereira, Maria João Maia, II Seminário dos Recursos Naturais do Nordeste Transmontano, Bragança, Novembro 2001 (<http://home.utad.pt/~des/cer/CER/DOWNLOAD/2016.PDF>).

³ *Austropotamobius pallipes*, Plano Sectorial da Rede Natura 2000, Fauna, *invertebrados*, ICN, Janeiro 2006 (http://www.icn.pt/psrn2000/caracterizacao_valores_naturais/FAUNA/invertebrados/Austropotamobius%20pallipes.pdf).

⁴ *Cangrejo señal*, Red natural de Aragón (<http://www.rednaturaldearagon.com/files/file/biodiversidad/cangrejo%20se%C3%B1al.pdf>).

⁵ *Barreira para impedir a expansão do Lagostim-sinal na Escócia*, Naturlink, Julho 2011 (<http://naturlink.sapo.pt/Noticias/Noticias/content/Barreira-para-impedir-a-expansao-do-Lagostim-sinal-na-Escocia>).

Mas o lagostim-de-patas-brancas dificilmente terá ocorrido em Mem Martins. “Os habitats a que se associam as populações desta espécie são os pequenos cursos de montanha, frequentemente em zonas de floresta, com águas correntes, límpidas e oxigenadas”⁶.

Os lagostins de água doce que agora invadem os cursos de água que atravessam Mem Martins são, muito provavelmente, lagostins-vermelhos-da-luisiana (*Procambarus clarkii*), de origem norte-americana, e ilegalmente introduzidos nas ribeiras da zona.



O Decreto-Lei n.º 565/99⁷ estabelece claramente que é “proibida a disseminação ou libertação na Natureza de espécimes de espécies não indígenas”. E entre as espécies não indígenas com risco ecológico conhecido, referidas no diploma, está o lagostim-vermelho-da-louisiana. A libertação intencional na Natureza de espécimes deste lagostim pode originar uma coima superior a 3.000 euros...

O lagostim-vermelho-da-luisiana evita corpos de água e áreas com forte corrente, preferindo “sapais, rios, cursos de água com pouca corrente, albufeiras e canais de irrigação”⁸. É vetor da “peste do lagostim”, como já referimos, a doença responsável pela elevada mortalidade que se regista atualmente entre os lagostins europeus da família Astacidae.

Em junho de 1973, um lote contendo 100 kg de lagostins-vermelhos-da-luisiana vivos foi importado de New Orleans (EUA) para uma fazenda em Espanha, em Badajoz, e no ano

⁶ *Austropotamobius pallipes*, Plano Sectorial da Rede Natura 2000, Fauna, *invertebrados*, ICN, Janeiro 2006.

⁷ Decreto-Lei n.º 565/99, de 21 de Dezembro (<http://www.dre.pt/pdf1s/1999/12/295A00/91009115.pdf>).

⁸ *Existem limites para a dispersão e colonização de novos habitats pelo lagostim americano Procambarus clarkii?*, Pedro Leitão, Universidade de Lisboa, 2009 (http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1476/1/21109_ulfc080668_tm.pdf).

seguinte um segundo lote, desta vez com 400 kg, foi libertado em tanques no baixo Guadalquivir, na zona de Sevilha. Os lagostins acabaram por se escapar e colonizar valas e canais próximos, e depois os próprios pescadores foram ajudando a expandir a área de colonização dos lagostins.

Em 1979 o lagostim-vermelho-da-luisiana já aparecia no rio Caia, que serve de fronteira entre Portugal e Espanha, e em 1986 ocupava uma vasta área do sul de Portugal. Em 1987 já estava no Baixo Mondego, e na década de 1990 na bacia do rio Sado. Em 1999 era detetado desde a bacia do rio Leça, a norte do Douro, até ao Guadiana. Em 2005, em Portugal, quantificava-se em 6% as perdas económicas na colheita do arroz provocadas por este lagostim.

A erradicação do lagostim-vermelho-da-luisiana é muito difícil. “*É uma espécie estrategista, com curto tempo entre gerações, alta fecundidade e alta taxa de crescimento.*”⁹ Tem uma elevada plasticidade ecológica e alimentar e, quando introduzido, pode tornar-se rapidamente a espécie principal do ecossistema, causando mudanças dramáticas nas comunidades nativas de animais e plantas, nomeadamente podendo levar à extinção local de algumas espécies de anfíbios. No Paul do Boquilobo (Golegã), o impacto deste lagostim provocou reduções drásticas nas populações de salamandra-de-costelas-salientes, tritão-marmoreado e rã-verde, e a provável extinção de espécies antes abundantes como a rela e o sapinho-de-verrugas-verdes¹⁰.

Conforme este lagostim cresce, a dieta muda de uma mais zoofágica para uma dieta quase exclusivamente fitofágica-detritofágica. Geralmente, os adultos completamente desenvolvidos alimentam-se quase inteiramente de matéria vegetal, seja fresca ou detritica. No entanto, dependendo da disponibilidade e facilidade de captura dos diversos tipos de alimentos, o lagostim pode ser um fito/detritófago ou um predador.

A Serra de Sintra possui uma interessante fauna de salamandras e tritões, e causa alguma preocupação o aparecimento do lagostim-vermelho-da-luisiana por aqui. Veremos que futuro está reservado aos belos tritões da Serra...

Mem Martins, 09 de setembro de 2013

Carlos A. Galrão

⁹ *Existem limites para a dispersão e colonização de novos habitats pelo lagostim americano Procamburus clarkii?*, Pedro Leitão, Universidade de Lisboa, 2009.

¹⁰ *Predation of invasive crayfish on aquatic vertebrates: the effect of Procamburus clarkii on fish assemblages in Mediterranean temporary streams*, Maria Ilhéu, João Manuel Bernardo, Sílvia Fernandes, in *Biological invaders in inland waters: Profiles, distribution, and threats*, Francesca Gherardi, 2007 (<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/883/1/Crayfish%20predation%20impact%20ch29-llh%C3%A9u%20et%20al.pdf>).

